

Abordagem multimétodo, memória afetiva e prospectiva: faces da pesquisa em Comunicação e Educação Ambiental¹

Sandra Pereira FALCÃO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O artigo apresenta percurso metodológico e análise voltada a alguns resultados de campo concernentes à pesquisa *Interfaces Colaborativas em Comunicação e Educação Ambiental*, realizada com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq — na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), envolvendo 12 diferentes grupos de respondentes. Além do detalhamento da abordagem multimétodo efetuada, discutem-se interações discursivas tecnoimagéticas ativadas durante o estudo.

Palavras-chave: abordagem multimétodo; comunicação ambiental; memória afetiva; educação socioambiental; interações tecnoimagéticas

Introdução

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983), ainda que tendam a derrubar ou efetivamente derrubem a ordem científica estabelecida, as estratégias de pesquisa têm no campo — entendido aqui como *o lugar da investigação* — seu principal designador. A adoção ou construção apropriada de um método — ou conjunto de métodos — para a pesquisa acadêmica presume a necessidade de o pesquisador sempre se perguntar o porquê das escolhas feitas, consoante Bachelard (1977), Lopes (2005) e outros autores.

No tangente às investigações no âmbito da comunicação/educação ambiental, fortemente permeadas pela inter e multidisciplinaridade, destaca-se a necessidade de ir a campo portando um conjunto multifacetado de expedientes para a captação dos dados (PONTUSCHKA, 2011), tanto mais quando se deseja imprimir natureza quali/quantitativa ao trabalho. Assim temos procedido em nossas investigações nessa vertente, cujo início deu-se no ano de 2011. Desde então, temos nos dedicado à percepção/

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP; mestre pela mesma instituição; especialista em Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal de Educação Tecnológica de São Paulo; professora do Centro Educacional Objetivo. Integra o Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (certificado pelo CNPq; sediado na ECA-USP, liderado pelo professor Dr. Adilson Citelli).

averiguação e/ou construção de interfaces dialógicas socioambientais lastreadas na observação e análise de aportes em circulação midiática — ao que se somam oferta de palestras, minicursos, realização de dinâmicas com e sem foto-elicitación (BANKS, 2009), concretização de entrevistas, aplicação de questionários virtuais e presenciais, conversação, registros fotográficos e sonoros, dentre outros recursos a integrar nossa permanente combinação e recombinação de técnicas (LOPES, 2005; PONTUSCHKA, 2011).

O presente artigo demonstra o percurso metodológico ativado durante a investigação nominada *Interfaces Colaborativas em Comunicação e Educação Ambiental*, desenvolvida no PPGCOM da ECA/USP³ de 2014 a 2018 com bolsa de estudos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq, e apresenta alguns resultados das interações promovidas no grupo Interações Tecnoimagéticas, um dos doze blocos de respondentes envolvidos em nossa pesquisa.

Método de recolha multifásico e multifaces

Maria Immacolata Vassallo de Lopes, metodóloga da ECA-USP, considera o trabalho de campo um elemento fundante da pesquisa empírica, pois se trata de experiência insubstituível para o investigador, vinculada ao ‘aprender fazendo’. Nesse momento, lembra ela, o pesquisador “entra em interação com os fenômenos sob estudo em seu contexto natural” (LOPES, 2005, p. 41). Mantendo em mira a vigilância epistemológica⁴, o investigador deve, ainda de acordo com Lopes, atentar para a utilização crítica das técnicas, em função de sua não-neutralidade, e para a questão específica da multiplicidade: adotá-la é importante, pois uma técnica consegue iluminar o que a outra não conseguiu. Vale destacar que

A adoção da abordagem “multimétodo”, “triangulação metodológica” ou “*mixed methods*” corresponde ao uso de dois ou mais métodos de pesquisa definidos em função do objeto e dos objetivos almejados pelo pesquisador. Desde a década de 1930 vários autores recomendam a adoção de múltiplos métodos para a abordagem de um tema, estratégia que, embora possa representar um significativo trabalho adicional na coleta e análise dos dados, tem o propósito de diminuir os vieses inerentes à adoção de procedimentos que ressaltam um aspecto do

³ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

⁴ Consultar, a este respeito, Bachelard (1977) e Lopes (2005).

objeto em estudo em detrimento de outros. Para essa escolha, portanto, é essencial um conhecimento abrangente do objeto de estudo e das dimensões que atuam em sua definição. Saliente-se, ainda, que opção metodológica não representa apenas o domínio/aplicação de ferramentas diferenciadas; é essencial que, além de apresentar e discutir os resultados oriundos de cada tipo de coleta de informações, o pesquisador busque a integração entre eles. (GÜNTHER, ELALI E PINHEIRO, 2017, p. 239)

Integrar as informações recolhidas por intermédio de múltiplos instrumentos de campo esteve sempre em mira quando nos ocupamos das decisões metodológicas inerentes ao estudo. Nosso método para a abordagem dos sujeitos de pesquisa durante as atividades de campo baseou-se na criação e efetivação de diálogos socioambientais a partir de diferentes possibilidades interativas:

a) oferta, na frente física, de palestras e minicursos com conteúdos/informações socioambientais na perspectiva territorializada (recolhidos em pesquisa progressa⁵) em intersecção com aspectos glocais da comunicação sobre meio ambiente. Ao final dessas atividades, solicitou-se a participação coletiva dos presentes na pesquisa científica por meio da resposta a um breve questionário.

b) oferta de dinâmicas de grupo (antes e durante as palestras e minicursos) focadas em conteúdos a serem trabalhados nessas atividades, com recolha de impressões iniciais sobre meio ambiente e/ou relatos associados à memória afetiva dos participantes sobre objetos que fizeram parte de sua vida e/ou a acerca das relações entre o meio ambiente local, global e glocal⁶. A opção pelo tipo de dinâmica e pelo conteúdo socioambiental a recolher entre os participantes deu-se conforme as necessidades de adaptação da atividade para os diferentes públicos com os quais estivemos em contato ao longo da trajetória acadêmica.

c) oferta, na frente digital mais ampla, de questionários estruturados e adaptados para tratar das questões de comunicação e educação socioambiental a partir da perspectiva do respondente a respeito do território onde habita.

d) oferta, na frente digital estrita, de questionários semelhantes, a serem respondidos após exposição oral do problema de pesquisa a grupos específicos (conselheiros participativos/ambientais, vestibulandos, universitários).

⁵ Falcão (2013).

⁶ Loureiro (2012, p. 95) recorda que “trabalhar com a dinâmica afetiva e alcançar a etapa de afetividade categorial, por meio de questionamentos, pode ser traduzido como escopo essencial para a concretização da educação ambiental, estimulando a consciência crítica necessária à transformação social”.

e) elaboração de questionário-roteiro com conteúdo socioambiental local e perguntas vinculadas ao distrito referência⁷, para entrevistas presenciais e/ou digitais com profissionais ligados à construção civil nessa geolocalização.

Importa informar, em relação a todos os questionários digitais empregados no estudo, que em nenhum deles inserimos perguntas classificadas como *obrigatórias*⁸, pois apesar do risco de não resposta a alguns itens, acreditamos que a ausência do quesito obrigatoriedade está de acordo com a proposta das contribuições baseadas nos paradigmas da *gratuidade* (ARIÉS, 2013) e da agregação de pequenas contribuições voluntárias aproveitando o excedente cognitivo das redes (SHIRKY, 2011 e 2012).

Os níveis teórico e prático da investigação foram desenvolvidos mesclando os aspectos e estratégias acima descritos, tendo a então doutoranda optado, ao longo do percurso investigativo, por três etapas de revisão teórica: uma inicial, para verificar o estado da arte e das interconexões entre os diferentes campos do conhecimento envolvidos na discussão da problemática socioambiental; uma após recolher grande quantidade de dados e dar andamento aos processos de categorização; e uma terceira, permanente, em que acompanhou a oferta de obras de referência relacionadas ao espectro da pesquisa, incorporando-as ao arcabouço teórico sempre que cabíveis. Apresentamos a seguir a sequência lógica dos níveis e fases adotados:

Fase 1 – revisão teórica considerando, como adiantado acima, : a) o processo comunicacional e a intersecção de campos do conhecimento que envolvem o estudo da comunicação socioambiental (educação, educomunicação, ciência ambiental, comunicação ambiental, educação ambiental, políticas públicas) ; b) a intersecção de achados teóricos com a análise de alguns aportes midiáticos ambientais/socioambientais.

Fase 2 – Contatos múltiplos com possíveis participantes do estudo: presenciais, por e-mail, telefone, rede social. Observação: esta fase se estendeu do segundo semestre do doutorado até o penúltimo semestre para algumas frentes — cerca de três anos, portanto —, pois foi necessário rever diversas vezes as estratégias de captação de dados, tanto em

⁷ Aqui nos referimos ao distrito físico V. Medeiros (São Paulo, capital), geolocalização com múltiplas mazelas socioambientais, onde recolhemos boa parte dos dados de nosso trabalho.

⁸ Os programas para confeccionar formulários digitais oferecem ao pesquisador a opção de travar a participação caso o respondente deixe de responder a alguma pergunta e só a destravam mediante o atendimento da obrigatoriedade de resposta a uma, várias ou a todas as perguntas da sequência. Observamos, como respondentes de algumas pesquisas e como pesquisadores, que esse tipo de prática, utilizada para “garantir” a vinda dos dados, gera também redução do número de sujeitos participantes, pois muitos ficam desagradados com as imposições e desistem de participar.

função de resultados parciais considerados insuficientes/inadequados, quanto pelo fato de que muitos contatos se construíram e desconstruíram ao sabor de crises políticas, institucionais e pessoais atravessadas ao longo do percurso acadêmico.

Fase 3 – Geração de aportes teórico-práticos para o trabalho de campo [*slides*, questionários nas versões em papel (reciclado) e digital, materiais para dinâmicas], mesclando dados de pesquisa pregressa e conteúdos da pesquisa atual, com a intenção de proporcionar, durante a imersão em campo, um estímulo à participação construída em cenário ‘*bottom-up*’, conforme sugerido por Sorrentino et al. (BRASIL, 2005).

Fase 4 – Intervenções em campo para o estímulo ao estabelecimento e recolha de diferentes *discursos multidimensionais* de natureza socioambiental. Criação de momentos de interação com públicos distintos, tratando de questões ambientais de escala global e local, incluindo, como já explicitado: oferecimento de palestras, dinâmicas e minicursos, coleta de respostas via presencial e virtual, diálogos informais, observação das interações e seus desdobramentos, gravação de diálogos com foto-elicitação (BANKS, 2009)⁹, registros fotográficos, dentre outros.

Fase 5 (concomitante às fases 4 e 6) – confrontação dos dados emergentes com o referencial inicial e inserção de novos aportes no arcabouço teórico à medida que estes se fizeram necessários.

Fase 6 – Organização e tabulação dos dados; descrição e análise à luz do referencial teórico final, conclusões e sugestões.

Ajustes dos instrumentos de interação e coleta *in progress*

As atividades promovidas, as anotações de campo e a totalidade das perguntas de pesquisa mantiveram em mira questões centrais para a investigação, conectadas à Comunicação Socioambiental Urbana em sua interface com a educação, a participação, a proatividade cidadã. As indagações, no entanto, não foram idênticas para todos grupos, tanto em sua formulação quanto em seu conteúdo, havendo algumas questões coincidentes e outras, específicas. Além disso, optamos por ajustar nossos instrumentos

⁹ No método da foto-elicitação, o pesquisador seleciona imagens (fixas e/ou móveis) para “evocar comentários, memória e discussão no decorrer de uma entrevista semiestruturada” (BANKS, 2009, p. 89).

de interação e coleta *in progress*, como forma de auscultar com mais precisão determinados aspectos teórico-práticos percebidos durante a investigação. Com relação aos questionários virtuais montados no gerador *Google Forms* e encaminhados por e-mail e redes sociais, acercamo-nos de revisão teórica específica, como recurso de amparo ao que comumente é conhecido nos meios acadêmicos por expediente de retorno complexo¹⁰.

Quanto à estruturação das perguntas, baseamo-nos em Günther (2008) e em experiências advindas de pesquisas pregressas por nós realizadas. As dinâmicas criadas, descritas em minúcia no trabalho, abarcaram diferentes momentos de interação com os grupos que delas participaram. Importa frisar o valor inestimável das *negativas que moldaram alterações metodológicas*, todas elas cruciais ao longo do processo, conquanto não possam ser aqui relatadas sob pena de ultrapassarmos o limite de caracteres permitido. De todo modo, ao leitor interessado nesse aspecto convidamos a uma leitura mais extensiva da tese à qual vincula-se este *paper*. Na sequência, apresentamos os grupos participantes do estudo e analisamos o andamento das atividades em um deles, denominado Interações Tecnoimagéticas.

Participantes do Estudo - definição da amostragem

A amostra, estratificada e não probabilística, compõe-se de 514 sujeitos de pesquisa, com idades entre 12 e 70 anos, residentes em diferentes cidades brasileiras, havendo predominância de respondentes residentes em São Paulo, moradores de diversos distritos administrativos, distribuídos em 12 grupos heterogêneos entre si mas com homogeneidade interna considerando-se as motivações pelas quais se agrupam/agrupavam:

¹⁰ Vasconcellos-Guedes e Guedes (2007), em revisão de estudos sobre diferentes maneiras de empregar questionários em pesquisas científicas, constataram como desvantagem do questionário virtual o baixo índice de resposta, menor que o retorno apresentado por todos os outros métodos de aplicação de questionário investigados¹⁰; outra desvantagem observada dizia respeito ao fato de a taxa de resposta depender significativamente da estratégia de abordagem dos respondentes¹⁰, entre outros fatores desestimulantes. Verificaram também muitos aspectos positivos: em termos de tempo e custo da pesquisa, apontam: menor tempo de realização, o fato de o questionário chegar mais rápido e as respostas retornarem em pouco tempo; a não utilização de papel; a chance de atingir grande número de pessoas e alcançar respondentes geograficamente distantes. Também pontuam a facilitação no momento de tabular os dados e, no que se refere ao desenho do instrumento, lembram que possibilita o emprego de novos estímulos, tais como cores, sons, imagens estáticas e/ou animadas, além de facultar apresentações visuais diversas de maneira mais econômica. Quanto à aplicação propriamente dita, apontam a facilitação da entrada de dados e possibilidade de validação de respostas de acordo com critérios predeterminados pelo pesquisador, entre outras menções favoráveis¹⁰.

-
- 213 internautas residentes no Brasil (resposta a questionário digital)
 - 98 alunos de Ensino Médio Regular Noturno (palestra e resposta a questionário presencial) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), 1º, 2º e 3º termos (palestra e resposta a questionário presencial)
 - 31 professores do Ensino Básico (palestra, resposta a questionário físico, diálogos informais)
 - 13 conselheiros participativos e ambientais (palestra no Conselho Participativo, resposta a questionário digital, diálogos informais)
 - 10 moradores do distrito referência não enquadrados nas categorias acima (questionário inicial virtual)
 - 26 integrantes de comunidade religiosa (palestra com dinâmicas e resposta a questionário físico)
 - 32 participantes de uma Audiência Pública na subprefeitura regional de Vila Maria-Guilherme-Medeiros, São Paulo, capital (questionários físicos).
 - 34 vestibulandos (resposta a questionário virtual/físico)
 - 43 estudantes universitários, 32 dos quais respondentes de questionário virtual
 - 01 profissional de Arquitetura e Construção (entrevista semiestruturada presencial com foto-elicitação e resposta a questionário)
 - 01 profissional de Construção Civil (empreiteiro de pequeno porte), (diálogo presencial com foto-elicitação, esclarecimento da temática e resposta a questionário)
 - 03 leitores de jornal de bairro virtual (grupo complementar)
 - Participantes de dinâmicas desenvolvidas em diferentes momentos do percurso acadêmico: no Projeto PAP 3 - USP (Pessoas que Aprendem Participando), em minicurso Intercom/2016, em palestra para grupo religioso e com alunos de curso pré-universitário (como parte de um dos temas trabalhados em sala de aula). A contagem desses sujeitos de pesquisa foi realizada à parte e não inclusa no cômputo geral, à exceção de alguns participantes de minicurso, em razão de que boa parte das dinâmicas ocorreu em conjunto com as atividades que envolviam respostas a questionários. Desse modo, a maior parte já estava contabilizada como respondente. O grupo, portanto, recebeu atenção diferenciada e nomeação específica em razão das peculiaridades vinculadas à análise dos dados provenientes do tipo de interação.

Do grupo *Interações Tecnoimagéticas*

Esta denominação foi criada para abarcar especificamente os percursos educacionais criados para as atividades presenciais

(dinâmicas/minicursos/palestras) oferecidas por nós ao longo da trajetória acadêmica, nas quais os presentes interagiram com tecnoimagens socioambientais, dinâmicas e estáticas. Para os fins de nossa pesquisa, aplicamo-nos à observação dos processos interativos apoiados em imagens (SOUZA e SILVA, 2014), tanto as produzidas por nós quanto aquelas coletadas nos meios de comunicação acerca da problemática socioambiental contemporânea, com ênfase nas questões de consumo (BACCEGA, 2014; GIACOMINI FILHO, 2004; CITELLI, 2009) e obsolescência programada (DANNORITZER, 2011; LEONARD, 2011; LATOUCHE, 2009), trabalhadas à luz do referencial teórico de nossas duas pesquisas (mestrado¹¹ e doutorado¹²).

Todas as apresentações em *Powerpoint* para esses eventos incluíram trechos de filmes e vídeos, recortes de jornais, anúncios, fotografias e imagens de satélite vinculadas à questão socioambiental local e planetária. A dinâmica principal das atividades nas quais desejávamos gerar maior entendimento/análise de nossa relação com artefatos industrializados ao longo da existência realizava-se a partir de um varal montado com cordão de sisal ou barbante, no qual dispúnhamos imagens de objetos antigos. Para montá-lo, pesquisamos na internet imagens desses objetos, de várias décadas passadas até os anos 1990/2000, imprimindo-as de modo que coubessem em crachás para veículos, cujo formato favorecia a produção rápida do varal sem utilizar prendedores. Chegávamos com antecedência ao local da interação, deixávamos o varal montado, para despertar a curiosidade dos participantes, e logo no início pedíamos que olhassem com atenção as imagens e escolhessem uma ou duas que tivessem relação com algum momento de suas vidas, dando preferência a imagens que lhes trouxessem recordações marcantes.

Enquanto cada um selecionava suas imagens, todos riam com a experiência e compartilhavam algumas impressões suscitadas pelo primeiro contato com o material. Feita a escolha pessoal, dispuseram-se todos em círculo, a nosso pedido. Apresentavam-se aos demais, apresentavam também as imagens escolhidas e faziam breve relato das recordações trazidas por elas. A figura 1, a seguir, mostra os itens imagéticos escolhidos pela pesquisadora para a composição do varal da memória afetiva:

¹¹ Falcão (2013).

¹² Falcão (2018).

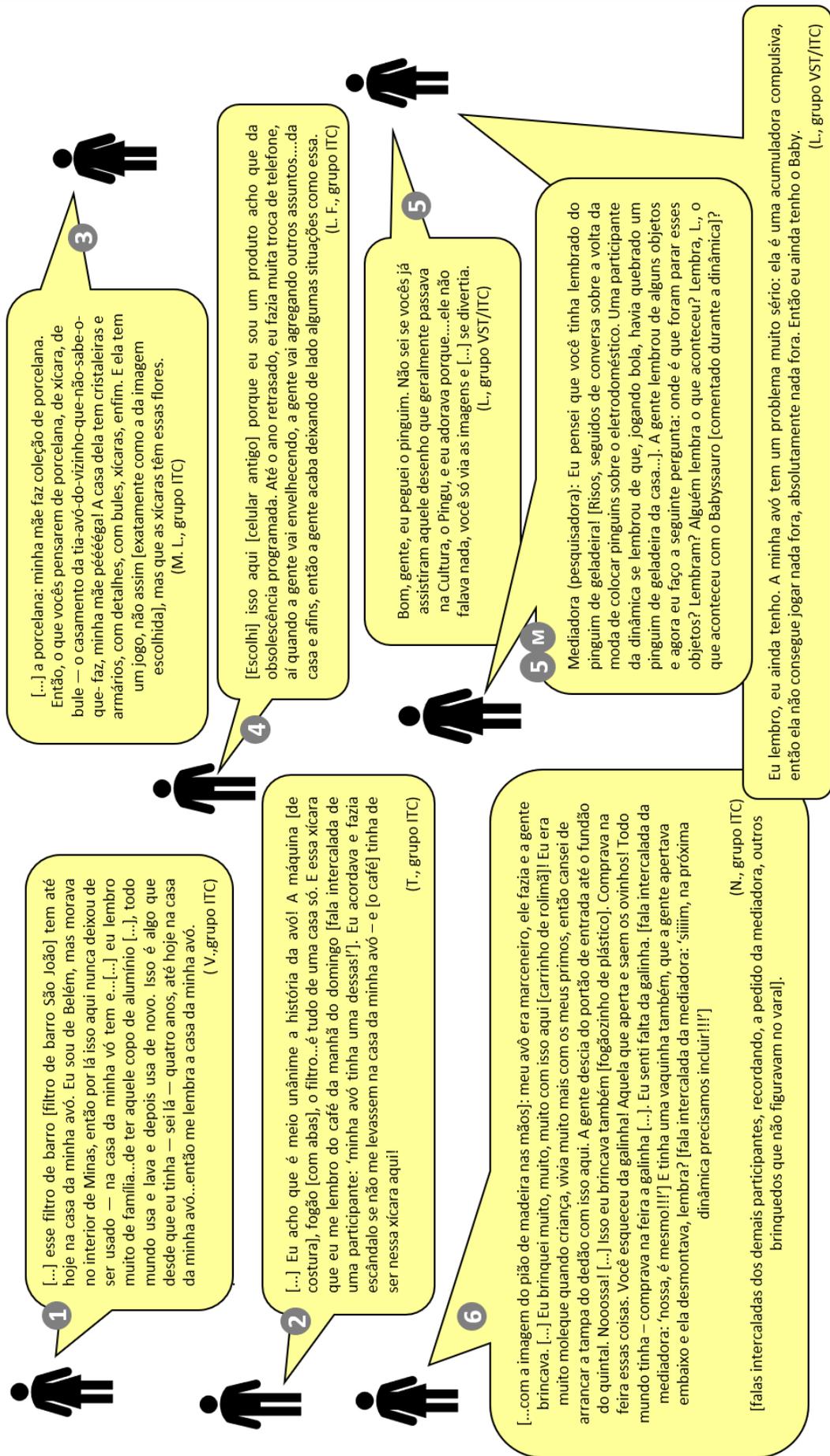
Nossa intenção era, conforme adiantado, a partir de um exercício de memória afetiva (WORCMAN e PEREIRA, 2006) integrar percepções e associar sensações ligadas à complexidade perceptiva vinculada ao ambiente (FERRARA, 2007). Acionar nossas vivências passadas por meio de experiências “sensíveis e culturais, individuais e coletivas” que despertem certos juízos ou valores é importante para gerar “atuação reflexiva sobre as próprias experiências ambientais” a partir do repertório do sujeito receptor, de acordo com FERRARA (2007, p. 24). Carvalho (2005, p. 7) propõe criar novas memórias relacionadas à realidade socioambiental em que está imerso o indivíduo, procurando desenvolver processos formativos nos quais se valorize o que ela chama de “tempo experiencial”, enquanto Gutiérrez e Prado (2013) e Moacir Gadotti (2008) pontuam a necessidade de que os processos formativos ecopedagógicos guardem relação com a vida cotidiana, explorando a sensibilidade que, nesta, sobrepõe-se à consciência.

Procuramos, pois, nessas atividades de campo, integrar a percepção ambiental contemporânea à percepção suscitada pela memória afetiva dos participantes, para gerar reflexão inicial sobre o fato de que embora muitos objetos que passaram por nossas vidas estivessem ainda em bom estado à época do uso, nós os vínhamos descartando com uma frequência cada vez maior, impactando negativamente o ambiente.

Gravamos todas as falas, geramos um ambiente a partir das imagens e palavras que *atingem a alma*, lembrando Marcondes Filho (2012). Na maioria dos relatos, é possível perceber que a memória afetiva, conectada a pessoas queridas, está também muito vinculada ao *lugar* em que se desenrolaram vivências significativas, o que tornou bem sucedida a estratégia empregada para fazer o elo da abordagem socioambiental com o percurso educacional que nos propusemos a desenvolver com os grupos. Abaixo, alguns exemplos das falas recolhidas¹³, que serviram à discussão sobre memória familiar vinculada a objetos e territórios vivenciais, consumo e obsolescência programada.

¹³ Nossos agradecimentos a Vitória Mendes Alves, Tarcísio Saldívar Silveira, Maria Luíza Cáceres Rodrigues da Silva, Nanci Maziero Trevisan, Luiz Francisco Ananias Jr., participantes de minicurso ministrado por nós no Intercom (2016) que gentilmente nos concederam permissões por e-mail para a inclusão de suas falas no presente trabalho. Agradecemos também à nossa aluna Larissa Ferracini e a todos os demais que aceitaram participar, de alguma maneira, da nossa pesquisa.

Figura 2 – Algumas falas dos participantes sobre objetos escolhidos



As falas 1 e 2, como diversas outras recolhidas durante as dinâmicas, remetem à ideia de lugar de acolhida (a casa da avó) e rememoram tempo menos acometido pelo descarte inveterado de objetos, representado pela caneca de alumínio — que era usada, lavada e reutilizada — e pela tradicional xícara de porcelana (presente também na terceira fala), de certo modo símbolos de estabilidade, permanência. O quarto discurso revela autoanálise do participante em relação ao seu comportamento como consumidor: a princípio mais voltado à compulsão pela compra de novos celulares — o consumo conspícuo mencionado por Taschner (1996-97) e Citelli (2009) —, hábito modificado, depois, pelas contingências vitais com as quais foi se deparando, elucida o respondente. No terceiro discurso, sobre a coleção de porcelanas, temos um misto entre a ideia de acumulação e as de tradição, memória e permanência. A formação discursiva de número 5 remete explicitamente ao mundo das imagens em movimento e sem som — ou quase —, levando a participante a rememorar o nome da rede televisiva que lhe proporcionou a experiência relatada, enquanto a de número 5A retoma o problema da acumulação abordado em 3. O discurso 6 conduz a memória às práticas concretas com brinquedos populares no tempo de infância, a maior parte deles bastante simples, fabricados manualmente e ‘saboreados’ com alegria nos quintais e ruas.

Breve conclusão

A inserção de conteúdos provenientes de pesquisa científica na interface comunicação-educação manteve-se como eixo organizador das estratégias empregadas na confecção e aplicação dos instrumentos de campo. Tal opção objetivou promover interações significativas dos sujeitos de pesquisa tanto com a pesquisadora quanto entre si e com os demais agentes das suas comunidades de origem, sempre que possível.

No caso da dinâmica relatada, nos diversos grupos pelos quais passamos aplicando-a, chamou-nos a atenção a recorrência na escolha de alguns objetos, como os citados nos excertos de falas acima transcritos. Considerando-se a totalidade dos discursos recolhidos, notamos também que a *máquina de costura movida a pedal* foi lembrada em todos os grupos, e sobre ela, além da rememoração das brincadeiras com a roda de ferro que comportava a correia, houve lembranças relacionadas ao sustento familiar obtido a

partir do ofício correlacionado ao artefato: muitas mães e avós costureiras foram lembradas em depoimentos emocionados.

Os expedientes empregados nessa fase da investigação e os resultados coletados proporcionaram alcance pleno dos objetivos então pretendidos, tendo sido possível discutir de modo prospectivo aspectos cruciais dos danos ambientais relacionados a consumo desmedido, obsolescência programada, desatenção com os espaços vivenciais, entre outros. Esperamos, em oportunidades vindouras, relatar mais experiências teórico-práticas balizadas por decisões de ordem metodológica em torno do eixo comunicação/educação socioambiental.

Referências

ARIÈS, Paul. **A simplicidade voluntária contra o mito da abundância**. São Paulo: Loyola, 2013.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e Consumo**. In: CITELLI, Adilson; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Dicionário de Comunicação – Escolas, Teorias e Autores**. São Paulo: Contexto, 2014.

BACHELARD, Gaston. **O Racionalismo Aplicado**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977. Tradução de Nathanael C. Caixeiro.

BANKS, Marcus. **Dados Visuais para Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL. Programa de Educomunicação Socioambiental. Série Documentos Técnicos – 2. Brasília: Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, 2005. Disponível em: http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/esa/arqs/progr_educom.pdf

CITELLI, Adilson. Pensando o consumo entre a comunicação e a cultura. São Paulo: **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, vol. 6, n.15, p. 193-196, mar.2009.

CITELLI, Adilson. Palestra proferida na mesa redonda *Comunicação e Culturas do Consumo: novos desafios para a Educação*. II Congresso Internacional em Comunicação e Consumo. São Paulo, ESPM, 15 e 16/10/2012.

DANNORITZER, Cosima (direção). Comprar, tirar, comprar – La historia secreta de la obsolescencia programada. 2011 - Espanha/França. Produção TVE/Arte Duração 53min.

FALCÃO, Sandra Pereira. **Interfaces Colaborativas em Comunicação e Educação Ambiental**. 2018. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-25072018-163403/pt-br.php> / DOI :10.11606/T.27.2018.tde-25072018-163403. Acesso em: 10 jun. 2019.

FALCÃO, Sandra Pereira. **Comunicação e Educação Ambiental na construção de sentidos urbanos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-30012014-113513/>>. Acesso em: 04 jul.2018.

FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade** – uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire, 2008. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3080/1/FPF_PTPF_12_077.pdf . Acesso em 24 out 2017.

GIACOMINI FILHO, Gino. **Ecopropaganda**. São Paulo: SENAC, 2004.

GÜNTHER, Hartmut. Como Elaborar um Questionário. In: PINHEIRO, José Q.; GÜNTHER, Hartmut. (orgs.) **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice Azambuja; PINHEIRO, José Q. Multimétodos. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. São Paulo: Cortez, 2013.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: Sato, M. & Carvalho, I. C. M. (orgs) **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre, Artmed, 2005. Disponível em: http://www.sigam.ambiente.sp.gov.br/sigam3/Repositorio/472/Documentos/Mural_PlanosdeFiscalizacao/FormacaoSocioambiental/Referencias/A%20INVENCAO%20DO%20SUJEITO%20ECOLOGICO.pdf. Acesso em: 08 mai. 2016.

LATOUCHE, Serge. **Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LEONARD, Annie. **A História das Coisas**: da natureza ao lixo, o que acontece com tudo que consumimos. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Colaboração de Ariane Conrad.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Sustentabilidade e Educação**: um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. A Comunicação no sentido estrito e o metáporo - ou porque a Nova Teoria não é estudo de recepção, etnografia nem tem a ver com Edgar Morin. Anais do XXI Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Juiz de Fora, 12 a 15 de junho de 2012.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do Meio – Metodologia. Parte integrante do curso A Educação Ambiental e a Formação de Professores através da Pesquisa Interdisciplinar, ofertado no 2º semestre de 2011, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação - criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Tradução: Celina Portocarrero.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo** - o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SOUZA e SILVA, Wagner. Tecnoimagética: produção e circulação da imagem na comunicação. Disciplina de pós-graduação ministrada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 2014.

TASCHNER, Gisela. Raízes da Cultura de Consumo. **Revista USP**, Brasil, n. 32, p. 26-43, fev. 1997. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26029/27758>>. Acesso em: 04 jan. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i32p26-43>.

VASCONCELLOS-GUEDES, Liliana.; GUEDES, Luís Fernando Ascensão. E-surveys: Vantagens e Limitações dos Questionários Eletrônicos via Internet no Contexto da Pesquisa Científica. In: X SemeAd - Seminário em Administração FEA/USP (São Paulo, Brasil), 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233852786_E-surveys_Vantagens_e_limitacoes_dos_questionarios_eletronicos_via_internet_no_contexto_da_pesquisa_cientifica. Acesso em 18 abr. 2017.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (coords.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo, SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.